

# A REDESCOBERTA DO LIVRO DE JUÍZES

Richard J. Sturz<sup>1</sup>

## RESUMO

## ABSTRACT

**G**eralmente os pregadores desconsideram os livros do Antigo Testamento. O livro dos Juízes acaba por ser apenas utilizado como um livro ilustrativo para as estórias infantis na educação religiosa. Neste artigo o autor demonstra a importância do livro dos Juízes fazendo inúmeros destaques relevantes na recuperação de tão importante literatura bíblica.

**U**sually the preachers ignore the books of Old Testament. The book of the Judges ends up being just used as an illustrative book for the infantile stories in the religious education. In this article the author demonstrates the importance of the book of the Judges making salient points in the recovery of such important biblical literature.

**Palavras-chave:** Antigo Testamento, Livro dos Juízes

**Keywords:** Old Testament, Judges Book

## A perda de Juízes

**U**m dos nossos problemas como evangélicos é que estamos perdendo o interesse no Antigo Testamento. Quase ninguém no Brasil prega no Antigo Testamento. O melhor que se faz é usá-lo como uma fonte de ilustrações para temas com base no Novo Testamento. Já o Senhor ressurreto ensinou claramente à seus discípulos que o Antigo Testamento era a fonte das profecias concernentes à sua pessoa. (Lc 24.25–27, 44–47). É bem verdade que apesar de um certo abandono do Antigo Testamento, poucas pessoas compram o Novo Testamento por si só. Nisto se encontra a mentalidade evangélica da verdade fundamental que devemos ter a Bíblia por completo como sendo a palavra de Deus.

Não apenas abandonamos o Antigo Testamento, mas também fizemos dele o livro das crianças. Nós transformamos estes escritos, particularmente o livro dos Juízes, em histórias para crianças. A presença destes escritos em nossas igrejas muitas vezes está limitada a lições para os juniores na EBD. Esta é uma perda terrível para as igrejas. Reduzindo-o à histórias infantis, a sua natureza muda e a divina revelação nela entra em eclipse. Entre outros livros que vêm sendo transformados em livros para crianças e que dessa maneira acabam perdendo sua mensagem original temos “*O Peregrino*” de John Bunyan.

O objetivo do autor era ensinar a doutrina batista aos adultos. Perdeu-se o objetivo

<sup>1</sup> Richard Julius Sturz é Bacharel em Artes, Bacharel em Teologia, Mestre em Teologia e Doutor em Divindades. Foi missionário no Brasil por 42 anos, tendo sido professor titular da área Histórico-Sistemática da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

de sua obra quando foi diluída e adaptada às crianças. Uma vez quis oferecer um curso na Faculdade Teológica Batista de São Paulo baseado no livro do “*Peregrino*”, porém tive que desistir deste projeto. Foi impossível conseguir o texto inteiro em português, tudo que encontrei foram versões reduzidas feitas para crianças.<sup>2</sup>

“*A viagem de Gulliver*” é um outro livro totalmente distorcido quando adaptado para crianças. Originalmente era um panfleto político, escrito como uma crítica irônica à Sociedade Britânica. Um outro exemplo é o conto de fadas dos irmãos Grimm, que fora originalmente produzido como um estudo lexicográfico da língua alemã. Como tal, consistia em contos antigos que tinham sido preservados pela tradição oral por uma geração mais antiga. Tanto seu propósito, quanto seu conteúdo foram radicalmente alterados quando o livro foi “asseado” e produzido como literatura infantil.

O livro de Juízes passou por um tipo de metamorfose similar. Embora, não haja mudança no texto, a verdade é que quase ninguém mais o lê por sua mensagem própria. Pelo contrário, se tornou um recurso onde as mães buscam histórias para contar às crianças. Se isso continuar assim, não será novidade se, em algum tempo próximo, a história de Sansão aparecer nos livros de contos de fadas!

## O desprezo por Juízes

De que forma temos desprezado o livro dos Juízes? Tratando-o como se fosse uma história da vida e dos feitos dos heróis da fé. Para isso, o leitor precisa fechar seus olhos para as evidentes imperfeições do

homem usado por Deus. Outros ainda, lêem Juízes como uma interpretação mitológica da pré-história de Israel.

Mas Juízes não é a história dos “heróis da fé” de Israel, nem mesmo uma apresentação mitológica de um período muito difícil no passado de Israel. Juízes é histórico em se tratando de seus fatos em si que realmente aconteceram. As histórias são verdadeiras, mas o objetivo do autor não era transformar os feitos e eventos de grandes homens em uma crônica. Pelo contrário, os eventos históricos são meramente veículos que mostram como Deus interveio nas questões humanas.

Uma leitura cuidadosa de Juízes mostrará que o autor desenvolveu sua apresentação ao redor de um ciclo. Ele fez dois resumos deste ciclo: o primeiro em 3.1–6; e o outro em 10.6–17. Essencialmente este ciclo pode ser reduzido em quatro passos.

1. O povo serviu ao Senhor enquanto o juiz estava vivo.
2. Assim que ele morreu eles se voltaram à práticas religiosas dos povos vizinhos.
3. Como resultado, Deus enviou um inimigo para discipliná-los e trazê-los de volta à Ele.
4. Quando eles clamaram por misericórdia, Deus levantou um juiz que usou para libertar Israel.

Porém este ciclo só expressa parcialmente o propósito do autor. Por exemplo, ele incluiu seis juízes “menores” dos quais as histórias não fazem parte deste ciclo. E por outro lado, ele incluiu cinco capítulos

<sup>2</sup> Atualmente a Editora Mundo Cristão publicou uma nova tradução de *O Peregrino*, ao português em conjunto com a sua segunda parte, que em português ficou sendo *A Peregrina*. Em português a obra tem dois volumes, tendo vindo a público em 1999.

no final, onde nem um inimigo externo ou mesmo um juiz parecia liderar o povo. Estes capítulos são agrupados com a frase “Naqueles dias não havia rei em Israel”. Estes três elementos nos ajudam a descobrir o verdadeiro propósito do autor e o que o livro poderia e deveria significar para nós.

## Gideão, Sansão e Mica

Estes três homens são exemplos dos tipos de pessoas que o autor destacou. Ao compreendê-los podemos entender o objetivo do autor. Os dois primeiros vem sendo idealizados. Ao fazer isto nós estamos sobrepondo alguns traços que os mantém longe de ser os “santos” que neles idealizamos, no entanto, eles foram os instrumentos que Deus escolheu para a realização de seu propósito. Nós também esquecemos o porque da inclusão de Mica. Ele não foi simplesmente um exemplo de que “cada um fazia o que achava mais reto” (21.25).

### Gideão

Gideão foi chamado quando o anjo do Senhor apareceu a ele (6.11–21). Por causa da sua obediência ele recebeu um novo nome, Jerubaal (deixe Baal processar) (v.32). No entanto seu relacionamento com Yahweh continuou tênue. Ele reconhecia a ação de Deus no passado, mas acreditava que Israel havia sido abandonado por Ele (6.13).

Depois do encontro com o anjo, Gideão edificou um altar a Yahweh (6.24) no lugar do altar de Baal (6.25–28). Porém há pouca evidência do seu relacionamento com Yahweh. Ele reconhece que o anjo era o próprio Deus

(6.22); ele usou a expressão “pelo Senhor e por Gideão” (7.18,20); e, quando ele se recusou ser coroado rei, ele insistiu que Yahweh governaria sobre Israel (8.23). Porém quando Gideão reuniu seus exércitos, ele pediu os dois sinais do orvalho sobre e ao redor da lâ à Elohyim e não à Yahweh (6.34–40). No entanto quando Gideão ouviu sobre o sonho que certo homem tivera, ele reconheceu que Yahweh haveria de entregar o arraial dos midianitas em suas mãos (7.14–15).

Mas a partir deste ponto, a batalha passa a ser a perseguição feita por Gideão aos reis midianitas e a morte dos mesmos (7.17–8.21). Boling, aponta que não há um reconhecimento da participação de Yahweh, ou mesmo uma referência à ele com exceção do que fora pronunciado pelo próprio Gideão.<sup>3</sup> Ele não apenas tomou para si os ornamentos que estavam no pescoço dos camelos dos reis, como também as argolas dos despojos de seus homens (8.24–28). O que falta aqui é o reconhecimento que o despojo pertencia a Yahweh (Js 6.21–24)! E é isso que coloca Gideão em problemas.

Ele fez um éfode das argolas (8.24–27). O que estaria Gideão pensando quando pediu as argolas (8.24)? O modo como eles cederam nos surpreende e indica que talvez eles falaram sério quando ofereceram o reino à ele. É evidente que ele não pediu “um” de cada um,<sup>4</sup> mas sim todo o despojo. E eles deram-no tudo (v. 25–26)! Isso nos faz lembrar de Arão quando pediu ao povo para que dessem os pendentes de ouro que pertencer aos egípcios. Com isto Arão modelou um bezerro para que adorassem ao Senhor (Ex 32.1–6). Aqui Gideão faz um “éfode”.

Quanto à natureza do éfode existem muitas suposições. George Foot Moore,

<sup>3</sup> R.G. Boling, *Judges Garden City*, N.Y, Doubleday and Co., 1975. p. 158.

<sup>4</sup> Na Nova Versão Internacional.

afirma que Gideão usou o ouro para fazer um ídolo o qual colocou em Ofra.<sup>5</sup> A Nova Versão Internacional segue Boling que afirma que “o éfode neste texto representa uma veste sacerdotal, a visível glória celestial do Deus invisível de Israel”.<sup>6</sup> No entanto, de acordo com Cundall, parece que havia ali uma estola sacerdotal em forma de imagem que o sacerdote deveria carregar (*nasa*) ao invés de usar (1 Sm 2.28; 14.3).<sup>7</sup> O ouro entregue a Gideão era o equivalente a 1700 moedas. Enquanto que a N.V.I. faz esta soma igual a aproximadamente 20 quilos, Moore determinou que era aproximadamente 31,5 quilos. Qualquer um dos cálculos parece eliminar o conceito de uma “veste”.

O “éfode” se tornou uma armadilha tanto para Gideão como para todo Israel, que ia à Ofra para adorar a Deus sob o pretexto de ser uma imagem feita por Gideão. Aqui a maldade não era mais a adoração à deuses cananitas, mas a adoração ilícita de Yahweh sob forma de um ídolo. Este mesmo pecado seria reintroduzido no Reino Norte por Jeroboão I, na forma de dois bezerros de ouro que ele fez para que fossem adorados. (1 Re 13.28–29). O julgamento de cada rei de Israel que seguiu Jeroboão I é colocado na seguinte frase “andou nos caminhos de Jeroboão e no pecado que ele tinha levado Israel a cometer”. Após a morte de Gideão os israelitas reverteram da adoração à Yahweh no “Éfode” à adoração de Baal (8.33–34).

O capítulo final da vida de Gideão é colocado de forma que vai contra seus atos heróicos do princípio. O assassinato

dos dois reis midianitas (8.21) não fazia parte da justiça de Yahweh, mas sim da justiça de Gideão. Ao invés do ouro ser dedicado ao Senhor. Gideão tomou para si. Portanto a construção do “éfode” foi um anticlimax distinto. Apesar de toda sua fé e ministério ele não teve um conceito claro do Deus invisível que rejeitou todas e quaisquer tentativas de se fazer uma imagem que o representasse (Ex 20.4–5).

## Sansão

A breve referência à educação de Sansão tem uma estranha semelhança ao propósito de Jesus em salvar seu povo (Mt 1.21). E esta semelhança é ainda presente na infância de Jesus. Compare “ele cresceu e o Senhor o abençoou, e o Espírito do Senhor começou a agir nele...” (13.24–25) com Lc 1.52. É ainda semelhante a João Batista (Lc 1.66). Porém anos mais tarde Sansão se tornou muito diferente de ambos.

Sansão tinha um problema com mulheres. Sua vida parecia girar em torno de relacionamentos ilícitos com prostitutas e mulheres de vida fácil. Como pôde ser ele um juiz durante 20 anos e fugir depois de tudo o que ele fez?

Suas primeiras palavras de proposta a seus pais foram – “Vi uma mulher em Timna das filhas dos filisteus; agora, pois tomai-a por mulher” (14.2). Cundall lembramos que a lei era contra casamentos mistos (Ex 34.16; Dt 7.3).<sup>8</sup> Aparentemente Sansão parecia não coabitar com sua esposa, mas morava com seus pais e

<sup>5</sup> G.F. Moore, *A Critical and Exegetical Commentary on Judges*, New York, Scribner's, 1910 (1895). p. 230 – 231.

<sup>6</sup> Boling, *op. cit.*, p. 160.

<sup>7</sup> A.E. Cundall, *Judges, an introduction and Commentary*, Downer Grove, IL., 1968, p. 121, 123.

<sup>8</sup> Cundall, *op. cit.*, p. 161.

ocasionalmente a visitava (13.19–20; 15.1–2), uma prática comum entre os árabes palestinos naqueles dias.<sup>9</sup>

O encontro de Sansão com a prostituta em Gaza, aparentemente ocorreu bem depois de seu casamento com a mulher de Timna ter falecido, mas pouco antes do seu relacionamento com Dalila. O texto indica que os 20 anos de seu julgamento se deu entre o seu casamento e esses dois últimos casos (15.20; 16.31). O primeiro foi bem no começo; o outro no final.

A vingança de Sansão por perder sua mulher se deu durante a ceifa do trigo (15.3–6). As “raposas” eram provavelmente “chacais” já que a mesma palavra (*su'al*) é usada para ambos. Não só isso, apesar de estar sozinho, ele caçou bandos de chacais.<sup>10</sup> De acordo com o raciocínio de Cundall, o fato dele ter amarrado os chacais juntos, foi simplesmente para facilitar. Mas humanamente falando, ainda seria impossível amarrar 300 chacais em pares e depois soltá-los com tochas.

Os chacais queimaram as searas dos filisteus, os grãos amontoados de trigo, as vinhas e os olivais. Aqui nós temos uma lembrança indireta das verdades das Escrituras de co-responsabilidade, o julgamento é raramente a *quid pro quo*.<sup>11</sup> Então quem pagou por isso? Em primeiro lugar, foram os filisteus opressores que foram pegos todos de uma só vez na vingança de Sansão. Porém sua mulher e toda família, que estavam indiretamente envolvidos, pagaram com suas próprias vidas (15.6).

Sansão nasceu para ser nazireu. O voto

nazireu consistia em três itens: (1) não poderia haver contato algum com cadáver; (2) deveria abster-se de bebida forte; e, (3) não cortar o cabelo (Nm 6.1–21). Durante sua vida Sansão guardou apenas o terceiro item. Possivelmente não exista uma frase mais triste no Antigo Testamento do que a de 16.20. Com a quebra do terceiro item, “O Senhor se tinha retirado dele”. O pior da história era que ele não sabia que o Espírito do Senhor já não estava mais com ele!

Sansão, sozinho empreendeu uma guerra contra os filisteus. Ele não possuía nem mesmo um soldado do seu lado e enfrentou sozinho um exército. Nem mesmo trouxe uma verdadeira libertação para Israel. Ele era possuído com o Espírito de Yahweh e dedicado a ser um nazireu a vida toda. O texto diz ter ele julgado durante 20 anos (15.20), mas não há registros de seu ministério como juiz. Moore nota que enquanto Sansão destruía os filisteus, de modo algum ele aparece como o herói ou o libertador de Israel.<sup>12</sup> O trabalho incompleto em sua vida fora previsto em 13.5. Ele apenas “começaria” o processo da libertação de Israel das mãos dos filisteus.

A personagem de Sansão possui dentro de si uma raiva incontável. Ele reagia imediatamente à um estímulo sem qualquer meditação ou mediação sobre o fato. Não há nada de diplomático nas tentativas de Jefté. Sua violência apenas gerou mais violência (v. 7–8). Compare o conflito contínuo entre árabes/israelenses desde que os judeus retornaram à sua terra em 1948. Nem mesmo um programa a que se pagasse com a mesma moeda cada ofensa, com uma outra similar. Porém fica claro que

<sup>9</sup> Ibid, p. 162, *apud* R. de Vaux, *Ancient Israel* - Darton Longman and Todd, 1962 p.43.

<sup>10</sup> Cundall, *op. cit.*, p. 168–169.

<sup>11</sup> Compare com Lc 13.1–9

<sup>12</sup> Moore, *op. cit.*, p. 313.

o autor demonstra que Deus não está interessado em manter um t<sup>ê</sup>nue *status quo*. Os filisteus tiveram que ser eliminados e não apaziguados.

Quase nada se fala da vida de oração dos juizes. Duas das orações de Sansão são registradas, em ambas vemos uma abertura para o caráter egocêntrico de Sansão. Elas também nos ajudam a examinar nossas próprias orações. A primeira ocorreu após uma grande vitória na qual ele matou 1.000 filisteus com a queixada de um jumento (15.16). Ele estava com muita sede e clamou ao Senhor “tu deste este grande livramento, e agora morrerei eu de sede, e cairei nas mãos destes incircuncisos?” (15.18). Enquanto ele deu toda glória à Deus pela vitória, ele não conseguia enfatizar papel dEle na batalha. Ele sentiu que sua própria morte era iminente e sua única preocupação era que seu corpo não caísse nas mãos do inimigo.

A *segunda* oração foi feita exatamente antes de sua morte no templo de Dagom. Ele pediu ao Senhor que se lembrasse dele, que lhe desse força para derrubar o templo sobre os seus inimigos. E porque ele quis sua força de volta? Não foi para a glória de Deus, muito menos para libertar Israel dos filisteus, mas sim como vingança pessoal: “para que de uma só vez me vingue dos filisteus pelos meus dois olhos”. (16.28). Ele estava no templo de Dagom junto a dois pilares centrais que seguravam a estrutura. Quando estes caíram e com eles o templo, Sansão matou mais filisteus do que em todas as batalhas contra eles (16.30). No entanto a oração dele não foi a oração de um santo, nem mesmo foi para a glória de Deus.

## Mica

O protagonista nesta história é Mica, o anti-herói. A ironia da história é vista primeiramente no seu nome completo, Miykayehu: “Yahweh o incomparável” (17.1,4). A história começa com um dinheiro roubado. Ao ouvir a maldição proferida por sua mãe, e percebendo que o dinheiro também estava sob maldição, ele o restituiu à ela (17.2). Aparentemente ela foi quem pagou a promessa feita. A história continua em três passos:

*Primeiro*, ela deu ao ferreiro 200 moedas de prata para que ele fizesse uma figura fundida (17.4). Alguns perguntaram o que teria feito Mica com o restante do dinheiro de sua mãe, 1.100 moedas! (v.3) Mas a imagem mostra uma ignorância lamentável da Lei Mosaica, que expressamente proibia a idolatria (Ex 20.4,23; Dt 4.16). Assim como no caso de Gideão e Arão antes dele, esta história dá-nos um outro exemplo de “Paganismo Yahvístico”.<sup>13</sup>

*Em segundo lugar*, Mica fez um santuário em sua própria casa (17.5) enquanto que a lei declara expressamente que um santuário à Deus deveria ser edificado no lugar onde houve uma teofania. (Ex. 20.24). Finalmente Mica erra ao consagrar seu próprio filho como sacerdote enquanto que a lei limitava o sacerdócio à tribo de Levi. Note como Mica prefere um levita quando este vai ao seu encontro.<sup>14</sup> Quando o levita chegou, Mica o convenceu a ficar e a se tornar seu sacerdote.

O texto indica que este levita era de fato

<sup>13</sup> Ephraim Stern, “Pagan Yahwism, the folk religion of ancient Israel” in *Biblical Archaeology Review*, XXVII, 3(May-June, 2001, p. 20 – 29).

<sup>14</sup> Cundall, *op. cit.*, p. 185.

da tribo de Judá (v.7), mas como poderia ser ele um descendente de Levi se ele pertencia à tribo de Judá? Moore pensa que a verdadeira explicação é que “levita” aqui designava o seu chamado, e não sua raça. Ele admite a possibilidade que “fragmentos da tribo de Levi, que fora dividida, se juntaram às tribos de Judá assim como fez Simeão”.<sup>15</sup>

Lembrando que o nome de Mica era Miykayehu, “Yahweh o incomparável” (17.1), não ficaríamos surpresos que ele tivesse um ídolo de prata e um levita como sacerdote ao mesmo tempo, e se dissesse “Agora sei que o Senhor me fará bem, porquanto tenho um levita por sacerdote”. (v.13). Quando analisamos seu pensamento, podemos ver que este é parecido com o nosso próprio pensamento, mesmo quando ele (e nós) estamos longe de agradar ao Senhor.

Quando os danitas foram para o Norte a fim de conquistarem Laís e para estabelecer sua tribo ali naquele local, eles pararam na casa de Mica, roubaram seus deuses e seu sacerdote (18.11–21). Mica fez uma tentativa fracassada de recuperar suas posses (18.22–26). Podemos notar seu desespero no v.24: “O que me sobrou?” Os danitas disseram-lhe que se acalmasse ou então alguns homens de “temperamento violento” o atacarão e você e sua família perderão a vida” (v.25). Boling traduz esta frase como “intensamente infeliz”. Seu sentido literal e “amargo de alma” como uma ursa selvagem da qual roubaram seus filhotes (2 Sm 17.8).<sup>16</sup> Nada restou a Mica a não ser ir para casa de mãos vazias (v.26).

Desta maneira os danitas trouxeram a justiça divina ao culto pagão de Mica. Compare o testamento de Jacó referente à Dã (Gen 49.16–18). O problema é que eles

foram ao massacre do povo em Laís para edificar um santuário separado, com os deuses de Mica. O autor lembra seus leitores que naquele tempo a casa de Yahweh estava em Silo (18.31). Mais tarde Jeroboão I estabelecerá no reino norte, um dos santuários em Dã (1 Re 12.26–30). Possivelmente neste mesmo santuário.

## O que o livro de Juízes nos ensina

O autor indica muitas linhas proféticas que constantemente reaparecem no texto, linhas que são o importante fundamento de sua mensagem à nós. Temos a tendência de perder a visão desta mensagem, quando nos prendemos as histórias de Débora, Gideão ou Sansão. No entanto são suas mensagens essenciais sendo assim o propósito deste livro. Suas mensagens são:

### 1.A soberania de Yahweh

No decorrer do livro o autor deixa claro que existem duas personagens simultâneas: Yahweh e Israel. Cada qual com seu papel interagindo juntos. Cada um é independentemente responsável pelo que faz. Porém no final é Deus quem trabalha através de seus instrumentos. Como Deus soberano, Yahweh interveio constantemente na história de Israel para realizar seus propósitos.

Israel teve de expulsar os habitantes da terra, porém foi o próprio Deus que os expulsou através do povo de Israel. Em segundo lugar, os israelitas não deveriam pensar que fora por causa da justiça de Israel que Deus expulsou os inimigos.

<sup>15</sup> Moore, *op. cit.*, p. 383, 385.

<sup>16</sup> Boling, *op. cit.*, p. 265.

Moisés já havia registrado que estava determinado que a perversidade dos cananeus não permitiria que as promessas de Deus se concretizassem aos patriarcas (Dt 9.4–6. cf. Gn 15.16).

No caso de Gideão alguém perguntar porque 33.000 guerreiros eram “demais” (7.2), os midianitas cobriram a terra como “enxames de gafanhotos” (6.5)? Deus havia determinado que um exército numeroso facilmente levaria Israel a acreditar que fora sua própria força que o salvou. Eles precisavam aprender e relembrar constantemente da verdade, que era Yahweh que os libertava de seus inimigos. E era também para ensiná-los a obedecer aos mandamentos do Senhor, dados através de Moisés (3:4). No caso de Baraque, ele tinha 10.000 soldados, mas foi Deus quem lhe deu a vitória com a chuva que atolou os 900 carros de Sísera (4.14–15; 5.20–21).

O autor destaca vários aspectos, da natureza de Deus. *Primeiro*, que Yahweh é soberano sobre todas as nações. Cada uma faz como deseja, mas no final, todas fazem como Deus determina. *Segundo*, que Deus está ativamente envolvido com o seu povo. O conceito secular que permeia nossos pensamentos está totalmente fora do livro de juízes. Não é simplesmente Deus ou o homem que é responsável, mas ambos juntos. E em *Terceiro*, Yahweh usa “meios” para fazer sua vontade. Assim Deus permitiu que as nações sobrevivessem para “testarem” Israel. E elas sobreviveram quando não foram destruídas por Israel.

Na história de Sansão podemos ver a mão soberana de Deus dentro da história de Seu povo. Ele entregou Israel aos filisteus (13.1), agora, porém Ele começa a

redenção de seu povo com sinais ao aparecer como anjo do Senhor a mulher de Manoá (v.5). Até mesmo o desejo de Sansão pela mulher de Timna vinha do Senhor (14.4). O espírito do Senhor veio sobre ele por várias vezes para provocar uma reação violenta nos filisteus e deu à ele poder para destruí-los. O Senhor usou a captura de Sansão para criar uma oportunidade de destruir seus deuses e toda nobreza filistéia. (16.27,30).

## 2. Yahweh é um Deus ciumento

O Deus que os escolheu para si não deixaria seu povo adorar deuses pagãos, que afinal de contas nem deuses são. O pano de fundo do livro de Juízes é resumido por Moisés em Dt 4. Acima de tudo Ele ordenou obediência aos seus mandamentos (v. 1–14). Verdadeiramente Yahweh é misericordioso, mas a idolatria era absolutamente proibida, pois Ele é um “Deus zeloso” (v. 15–31).

O segundo resumo do livro (10.6 – 16) registra o *ultimatum* de Yahweh. Apesar da confissão e remorso do povo (v.10), eles aparentemente das experiências passadas não aprenderam nem prudência, nem gratidão. Presumiram que Deus estaria sempre disposto a tirá-los das dificuldades. No entanto, Deus declarou que Ele os salvara nos passado, mas agora ameaçava: “Pelo que não vos livrarei (*Yasha*) mais”. (v.13).

Quando se viam encurralados, não apenas imploraram a Ele “livra-nos hoje” (*yom*) (v.16), como também repetiram sua confissão e deram o passo para o verdadeiro arrependimento. Eles removeram os deuses estrangeiros e serviram somente à Yahweh (v.16). No entanto, eles não tinham a garantia que

Deus os salvaria de seus inimigos. Pela fé eles se voltaram ao Senhor e confiaram que Ele os salvaria. Como Boling destaca, esta confrontação entre Yahweh e seu povo “é uma barreira efetiva contra qualquer mera interpretação cíclica” do período de Juízes.<sup>17</sup> É também um lembrete para que nós não venhamos a pressupor que Deus sempre nos livrará dos nossos problemas.

### 3. Yahweh é misericordioso e longânimo

Quando o seu povo se arrependeu e clamou ao Senhor que os libertassem da opressão Ele os atendeu. Porém foi por causa de seu pecado que o Deus soberano os “vendeu”, (*makar*) nas mãos dos Sírios (3.8). A Nova Versão Internacional perde o sentido da palavra hebraica ao traduzi-la para a palavra “entregou”, mas a frente em uma citação similar, o autor mostra que Deus os “vendeu” aos filisteus e amonitas (10.7) para que eles reconhecessem seu pecado e se arrependessem (v.10). Claramente, a palavra “vendeu” é uma figura de linguagem e nada mais. Deus nada ganhou de sua “venda” aos sírios e aos outros povos. Nada oferecera as nações a Deus em troca da vitória sobre Israel.

Ao “vender” seu povo as nações, Deus quis mostrar que não mais os salvaria (v. 13–14). A esta altura, Israel reconheceu que a promessa se perdera. No entanto, imploraram a Deus que os libertassem, e demonstraram arrependimento ao se livrarem dos deuses estrangeiros (v.15–16<sup>a</sup>).

O outro lado da moeda é que o próprio Deus não podia mais suportar a miséria de seu povo (10.16). “Sua compaixão pelo seu povo (Os 11.8) e sua indignação contra seus inimigos tomou conta dele, Ele não poderia mais ficar de fora observando como Israel era oprimido pelos pagãos”.<sup>18</sup> A imagem de Deus é

clara, como o que interveio na história e que se agonizou com seu povo. A questão da onipotência e onisciência de Deus, do conhecimento e controle do futuro não são levantadas aqui.

### 4. Yahweh usa instrumentos imperfeitos

Deus colocou seu Espírito em pessoas imperfeitas:

Quando o Espírito descia sobre Sansão, ele fazia o que normalmente era impossível que um ser humano fizesse (14.6; 15.14–15). O Espírito apoderou-se de Gideão quando ele reagiu contra a ameaça dos midianitas (6.33–34). Em outras ocasiões, o enchimento com o Espírito acompanhou os passos iniciais de uma grande obra (11.29–30; 13.25–14.1).

Eram os juízes homens “cheios do Espírito?” O autor não afirma que o Espírito do Senhor se apoderou de todos os juízes. De fato, existem poucas referências do Espírito do Senhor se “apoderando” de um juiz. Não existe referência a descida do Espírito sobre os seis juízes menores. Nem ao menos referencia à descida sobre Eúde, Débora, Eli e Samuel! Das sete vezes que foi dito que o Espírito do Senhor se apoderou de um juiz, quatro se tratava de Sansão, possivelmente o mais fraco de todos espiritualmente.

Deus não apenas colocou seu Espírito em pessoas imperfeitas, como também apareceu à eles em forma de “Anjo do Senhor”. Ele saudou Gideão com a expressão “poderoso guerreiro” (6.12). Esta foi a primeira aparição do anjo do Senhor desde o tempo que Ele havia falado a Israel em Gilgal nos últimos dias de Josué (2.1,4). Ele é mencionado, no cântico de Débora (5.23). Gideão hesitou por ter sido chamado de “poderoso guerreiro”. A aparente ausência da presença de Deus no meio deles também

<sup>17</sup> Boling, *op. cit.*, p. 192.

<sup>18</sup> George F. Moore, *op. cit.*, p. 281.

explica a queixa de Gideão dizendo que Yahweh os havia abandonado (6.13).

A outra e única vez em que o Anjo do Senhor apareceu durante o período dos juízes foi aos pais de Sansão (cap. 13). Primeiro Ele aparece à futura mãe e depois ao casal, só no final desta experiência é que eles entenderam que o “homem” era o próprio Deus (v. 21–22).

## A recuperação de Juízes

O livro de Juízes acima de tudo nos ensina que Deus interage na história humana de um modo soberano. Ele é o rei do seu povo e os leva ao final que ele havia pré-determinado. Porém enquanto Ele trabalha com seu povo, usa as forças e fraquezas deles, para que de fato sejam co-atores livres, desvendando o futuro juntamente com Deus. Cada um dos juízes (e todos eles) é apresentado em toda sua humanidade e fragilidade. Este registro bíblico difere de todos os outros registros pré-históricos, no fato de que não há nenhum sentido místico ou de conto de fada nesses acontecimentos. Todas as pessoas são apresentadas como inteiramente humanas.

Em seu comentário a parte, em 14.4 o autor indica que Deus trabalha através da fraqueza de Sansão e da idiosincrasia para alcançar sua soberana vontade. Este fato deveria ajudar cada um que é (ou tinha sido) um instrumento nas mãos de Deus para refletir na soberania divina e na sua própria fragilidade humana. Deus realiza sua vontade apesar da fraqueza humana.

E o faz para que ninguém pense que é por si que a salvação veio ao povo (7.2). Ninguém deveria se esquecer desta verdade. Deus não vai permitir que o homem apague sua glória. Aqueles que tentarem pagarão por seus pecados. O problema é que muitos outros hão de pagar, pelo mesmo motivo

que aqueles que foram pegos na tentativa de se exaltar a si mesmos (9.1–5).

Uma das principais vantagens em estudar o livro dos Juízes é que abre-se á quem o estudar, a oportunidade de se auto identificar com cada um ou com todos estes homens e mulheres. Nós também temos a humanidade e fraqueza que eles demonstraram ter. Através deles vemos que podemos ser usados por Deus apesar de todas as nossas fraquezas. Podemos ainda prestar mais atenção às advertências para evitarmos cair no mesmo erro. Daí, o estudo deste livro tem algumas aplicações dramáticas para nossa vida individual, para a vida da nossa igreja e para toda comunidade cristã.